

Deputados condenam atuação

**LUIZA DAMÉ E
REGINA PIRES**

A atuação do líder do Governo na Câmara, Roberto Freire (PPS-PE), está sendo contestada por parlamentares dos partidos governistas e da oposição — em especial após a aprovação do reajuste mensal dos salários. As críticas tiveram ressonância nas palavras do ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, durante a reunião do PSDB, em Vitória: “Um líder do Governo não fala em nome pessoal, fala em nome do Governo”.

O presidente do PPR, senador Esperidião Amin (SC), sugeriu que, ao invés de condenar a atuação dos parlamentares — que aprovaram a política salarial —, o ministro da Fazenda destituisse o líder do Governo na Câmara, que “orientou os deputados a votarem favoravelmente ao projeto”.

“Ele tem de dizer isso a mim”, reagiu Freire, que ontem estava em Recife, ao informar que esteve quinta-feira com o ministro da Fazenda e não recebeu nenhuma crítica à sua conduta. Logo após a sessão de quarta-feira, o líder governista explicou que preferiu apoiar o projeto e tentar a negociação no Senado para não causar um confronto entre Governo e oposição, obrigando o presidente Itamar Franco a vetar o projeto. Autor do substitutivo que prevê os reajustes mensais, o deputado Paulo Paim (PT-RS), concorda com a atitude de Freire. “Ele viu que estava consagrada a aprovação. Entre criar um confronto, optou por votar sim e abrir a perspectiva de negociação”, argumentou.

Responsabilidade — Porém, a intenção de Freire de tentar negociar modificações ao projeto no Senado desagradou a integrantes da bancada governista. “O Freire não é o líder do Governo no Senado. Ele não poderia ter votado a favor do projeto, dizendo que negociaria no Senado. Aqui, o líder do Gover-

no se chama Pedro Simon — um homem sério”, destacou o senador Gilberto Miranda (PMDB-AM). Miranda espera que os senadores tenham mais responsabilidade que os deputados e façam as emendas necessárias à política salarial aprovada na Câmara. Em meio a um discurso inflamado, quinta-feira à tarde, criticando a atuação de Freire, o senador chegou a pedir a sua destituição. “Espero ver na imprensa a notícia da sua destituição”, afirmou.

“Não venha bater em nós. Ele que destitua o líder do Governo que votou a favor do projeto. Todo o PSDB também foi favorável, a começar pelo seu braço direito, o José Serra”, indignou-se Esperidião Amin, ao ser informado das críticas de Fernando Henrique não só à atuação de Freire, mas também dos demais parlamentares, com relação à política salarial. Na opinião do senador, a atitude do Governo, “tomada na última hora, por seus líderes, foi negativa, leviana e irresponsável”. Amim entende que o Palácio do Planalto deveria ter apresentado uma contraproposta ao substitutivo de Paim.

Desagrado — Cercado de especulações sobre a sua saída durante a reforma ministerial, Freire também não agradou aos parlamentares governistas na condução do processo de negociação e votação do IPMF. Um pouco antes da sessão de votação do imposto sobre cheques, o deputado Manoel Moreira, do PMDB paulista, reclamava porque o líder do Governo o convocara para comparecer à Câmara na terça-feira. “Não reconheço a liderança do Freire. Não aceito que ele me convoque. O meu líder é o Generaldo Correia (líder do PMDB)”, afirmou Manoel Moreira, um dos deputados insatisfeitos com o tratamento dado pelo Governo ao PMDB, em especial na distribuição de cargos e na definição das políticas oficiais.

de Freire como líder